

DA CULTURA BRASILEIRA.

(Fundamentos, evolução, direções e perspectivas).

A análise em profundidade dos fundamentos e das principais direções da cultura brasileira, no processo de sua evolução, como de suas novas tendências, reclamaria toda uma obra. Essa, eu a escrevi e traz por título **A Cultura Brasileira**, já traduzida para o inglês. Na longa Introdução do livro, em dois volumes, **As ciências no Brasil**, voltei ao assunto que sempre me interessou de modo especial. É a colaboração que pude dar, por essas e outras obras, à inteligência da cultura no Brasil. O que tentarei agora, numa síntese apertadíssima, é esboçar o quadro dessa cultura, de suas origens ao estado atual, apontando as linhas de resistência que provêm de suas tradições, e os fatores de vária natureza que tem atuado mais fortemente no processo de seu desenvolvimento e de sua renovação. Se se considerarem a extensão territorial do país, a variedade geográfica de suas regiões, as diferenças das idades, tão afastadas, de suas respectivas incorporações à civilização, devido às distâncias, hoje reduzidas com a introdução dos veículos mecânicos e, sobretudo, da aviação, mas imensas durante mais de três séculos e meio, e, portanto, os seus desníveis econômicos e culturais, é fácil compreender que o movimento da cultura brasileira nunca foi uniforme nem se processou com ritmo igual por toda a parte, em qualquer época de nossa História. Mesmo na época atual apresenta-se irregular, descompassado, rápido ou lento conforme as regiões, a despeito das facilidades crescentes de transporte e de comunicações, que tendem a encurtar as distâncias neste quase continente que é, sob tantos aspectos, um vasto "arquipélago" de culturas. Este, um ponto capital que se deve ter em vista quando falamos em cultura brasileira — nessa cultura, que, embora se tenha desenvolvido sobre uma base comum e sob os mesmos impulsos iniciais, se desdobra numa série de paisagens humanas e sociais, tão diferenciadas, como as geográficas, pelas

diversidades regionais decorrentes do meio físico e das influências, em graus variáveis, dos contactos de raças e culturas. O que é verdadeiro em relação a umas, pode não sê-lo e não é, de fato, para outras.

A civilização portugêsa, como se sabe, é que tomou nossa cultura a língua, a religião, os costumes, as tradições e os gostos intellectuais. Tudo ou quase tudo nos veio de Portugal ou através dêsse país, em dois séculos e meio, em que sua influência predominou sem contraste. E' que, no período colonial, se mantiveram fechados à navegação e ao comércio de estrangeiros os portos do Brasil, e não se podiam instalar tipografias para impressão de livros, que todos os que aqui se liam, nos vinham da Metrópole ou por ela filtrados. Numa sociedade de tipo feudal escravocrata, a cultura, no sentido restrito, não interessava senão a um pequeno grupo, — ao grupo religioso que dela precisava, para o exercício de seu mister, e para se impor e manter-se como sua elite intellectual. Os conhecimentos da época, na Metrópole, era nos colégios da Companhia de Jesus, expulsa na segunda metade do século XVIII, pelo Marquês de Pombal; era pela ação multiforme dos jesuítas, beneditinos e franciscanos, nos conventos e fora dêles; era pela pregação nos púlpitos que se transmitiam, segundo a direção e na medida em que consultavam os interesses culturais de Portugal e da religião. O processo de miscigenação ou mistura de raças — de brancos, índios e negros — êstes, importados para serem vendidos como escravos aos senhores de engenho (e, no século XIX, aos fazendeiros de café) como à burguesia urbana, e os contactos das três respectivas culturas, se, na verdade, modificaram sensivelmente o quadro étnico, em várias regiões e, a certos respeito, a paisagem cultural, não foram suficientes para deslocarem, para segundo plano, a influência avassaladora de Portugal, senhor e explorador das terras por êle conquistadas. Passou, sem deixar conseqüências ponderáveis em qualquer dos setores da vida colonial, o domínio espanhol de longa duração (1580-1640). A própria invasão, no século XVII e a permanência dos holandeses que disputavam com Portugal e a Inglaterra o domínio dos mares, ficaram circunscritas, em seus efeitos, próximos ou distantes, ao Nordeste e, particularmente a Pernambuco. Mas, ainda nessa região, por êles ocupada durante cêrca de dezessete anos, de 1637 a 1654, — ano em que foram expulsos, o que sobreviveu, afinal, apesar das notáveis iniciativas de Maurício de Nassau, no seu govêrno de sete anos, foi o portugês colonizador, auxiliado

por brasileiros e índios, na recuperação de suas terras como na preservação de sua religião e de seus costumes.

Sòmente depois da chegada de D. João VI, em 1808, fugindo à invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão; depois da abertura dos portos ao comércio de tôdas as nações, da criação da Imprensa Régia, da Biblioteca Pública, de escolas superiores e da Academia de Belas Artes, como da vinda de artistas franceses, é que a situação começou a modificar-se sob seus aspectos culturais. A influência francesa devia predominar sobre quaisquer outras. Pois já se exercia, embora em muito pequena escala, através de estudantes brasileiros, educados em Montpellier e em Paris, e foi nessa cidade e em Nimes que estudantes, mineiros e fluminenses, ligados aos conspiradores da Inconfidência Mineira, entraram em entendimentos, em 1786, com Thomas Jefferson, Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos na França, para obterem o apóio dêsse país em favor de nossa emancipação. Ela tomou, porém, impulso e adquiriu força nova, não no plano político, mas nas elites intelectuais e artísticas. E' para a França que daí por diante se voltariam o pensamento e os ideais de escritores, romancistas e poetas, como de músicos e pintores. Mas essa influência, — a da cultura francesa, se fêz sentir não sòmente, nem sobretudo pela ação de brasileiros, que estudaram na França, ou pela vinda de artistas como Lebreton, Debret, Taunay e outros, trazidos por D. João VI, ou pela importação, em maior escala, de livros provenientes dêsse país, que passaram a predominar em nossas livrarias, várias das quais fundadas por franceses, os Garnier, os Garraux, os Briguet, os Genoud, os Gazeau, entre outros. Pois, abertos os portos à navegação estrangeira, livros de qualquer origem podiam entrar, como, de fato, entravam livremente no país. Para que então, em quase todo o século XIX, se estendesse mais a influência da cultura francesa em nossas elites intelectuais e artísticas, concorriam antes a afinidade das duas línguas; o fato de ser o francês língua diplomática e a mais conhecida entre nós; o prestígio internacional e a posição da França no mundo cultural, e sua literatura, não mais importante do que a inglêsa, a alemã, e a italiana, mas a de maior força de expansão no Ocidente europeu, de que se irradiava para quase todo o continente americano.

Essa influência tornava-se cada vez mais marcada nas letras, nas artes e no ensino, especialmente no secundário, modelado segundo padrões do liceu francês, e em cujo currículo era a língua francesa (e ainda o é, competindo com o inglêso)

a (que se dava maior importância entre as estrangeiras. Prêmios de viagem a artistas, era para a França que se desejavam e se concediam. Mas, com a implantação do regime parlamentar no país e com o segundo Império, a cultura inglesa entrou a influir sobretudo nas classes dirigentes e políticas. E' que a Inglaterra, impelida por interesses econômicos e comerciais (era a nova nação um mercado que se abria à exportação de seus produtos), apoiara francamente a luta pela independência nacional, proclamada, em 1822, pelo Príncipe D. Pedro, o primeiro Imperador do Brasil. Esses interesses de um e outro país, exportador e importador, e o regime parlamentar, instituído sob o modelo inglês, conduziam naturalmente as elites políticas, colocadas na órbita da Inglaterra, a buscar na literatura, sobretudo política, desse país, as fontes de sua inspiração. De um lado, as elites literárias e artísticas, voltadas para a França e, de outro, as elites políticas, senão gravitando em torno da língua e literatura inglesa, certamente atraídas para elas, sem renunciarem aos seus amores com a França. Duas correntes culturais que se desenvolviam em dois planos diferentes da sociedade brasileira, que encontrava então em Pedro II, com sua política paternalista, um animador da cultura. Ele a amava, sem lutar por ela. Não alterou essa situação o movimento iniciado e mantido com calor por Tobias Barreto, em Pernambuco, em favor da cultura alemã, e que foi batizado irônicamente, por Carlos de Laet, com o nome de "Escola Teuto-Sergipana", por ser natural de Sergipe o escritor e professor que o promoveu. O movimento ficou limitado àquela região sem quaisquer repercussões, mesmo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, para onde se canalizavam, de modo particular, as imigrações alemãs, que passaram a suprir, por suas próprias iniciativas, educacionais e culturais, a ação do governo do país, alheio, distante, senão ausente, no primeiro daqueles dois Estados.

Com serem, porém, tão importantes as contribuições das culturas, francesa e inglesa. — e muito mais daquela do que desta, ao desenvolvimento da cultura brasileira, no século XIX, não perdera seu prestígio o legado lusitano, constituído da língua, da religião, de costumes enraizados, a que se podia acrescentar a atração, exercida nessa época, pela literatura portuguesa, em fase de pleno refflorescimento, e por seus grandes escritores. Se à base desse desenvolvimento palpitava a herança portuguesa, espalhada e muito viva em todo o país, é certo que outras influências vieram juntar-se a ela, para modifi-

cá-la, nesse século, que é o da formação da literatura brasileira, da renovação da língua já tão diferente da que se falava e se escrevia em Portugal, e dos primeiros conflitos de idéias estéticas, literárias e políticas, importadas de outros países do Ocidente europeu. Por elas, anunciava-se o crepúsculo matutino (longo crepúsculo) de uma nova civilização. Luzes entre sombras. Talvez ainda mais sombras do que luzes, no plano da ciência, da técnica e da indústria que, apesar de seus progressos já notáveis na Inglaterra, na Alemanha, na França e na América do Norte, não haviam ainda encontrado no país condições favoráveis à sua eclosão e, no que toca à ciência, ao seu desenvolvimento. A sociedade brasileira, nessa sua fase pré-capitalista, não dava sinais de despertar da economia “de sobremesa” (açúcar, café e cacau) de que vivia e que bastava para manter a opulência de poucos e a pobreza da maior parte de sua população. Mas já estava à vista a revolução industrial e, com ela, a das idéias e dos estilos de pensamento e de vida. E', de fato, no século XX, depois da primeira grande guerra (1914-1918) e, sobretudo, da segunda (1939-1945) que outras influências e pressões irromperam com bastante força para nos lançarem no caminho das conquistas científicas e técnicas, da civilização industrial e das reivindicações sociais. O período, de cerca de quinze anos, que se seguiu à primeira guerra mundial, já foi de inquietação, de efervescência e ebulição intelectual, de esforços, tentativas e movimentos à procura de novos caminhos. Os dois surtos industriais em consequência dessas guerras que, determinando uma queda brusca de importação de produtos das indústrias de países nelas envolvidos, nos levaram a fabricá-los em nosso próprio país; os contactos maiores com raças e culturas diferentes, e a crescente influência dos Estados Unidos que deslocaram da Europa para essa nação o eixo de gravitação dos países latino-americanos, contribuíram poderosamente não só para o advento da civilização técnica e industrial como também, e por isso mesmo, para a renovação da cultura, afastando-nos ainda mais das origens e tradições portuguesas.

E' esse um processo de diferenciação, a que não escapou nenhum dos povos, da Antigüidade aos tempos modernos, e que se desenvolveu, no caso, sob a ação, extensa e intensiva, de fatores diversos, demográficos, econômicos e culturais. Enquanto, no Brasil, o afluxo de ondas sucessivas de imigrantes, de várias procedências, que, concorrendo para lhe aumentar a população, não contribui menos para diversificá-la numa

grande variedade de tipos, a de Portugal conserva-se mais ou menos equilibrada e homogênea, por força quase exclusiva do crescimento vegetativo. Aqui, a mobilidade demográfica que, estimulada pelas “bandeiras” e entradas ao sertão e mantida, através de séculos, com intensidades variáveis, atingiu o seu ponto mais alto, e mais grave, com o deslocamento de massas, pelas crescentes migrações internas; lá uma relativa estabilidade da população, muito apegada a seus respectivos **terroirs**, às terras de seus antepassados. Aqui, a população fortemente grupada em umas regiões, como o Centro-Sul e, particularmente São Paulo, e disseminada até quase a uma densidade de deserto, em outras; lá, repartida, nas mesmas proporções em que se distribuía, pelas cidades, vilas e aldeias do país. Aqui, uma cultura que, sob o impacto de culturas diferentes, por influências externas e já de portas a dentro, se desagrega, para se reconstituir, enriquecida, em novas direções; lá, em Portugal cujas grandes vozes sempre encontraram, entre nós, a mais grata repercussão, a cultura, quase solitária e fechada, ainda se desenvolve nas linhas tradicionais. Um povo, pois, que, sob a ação de determinados fatores, sofre profundas transformações, tanto na sua estrutura demográfica quanto na sua organização econômica, social e política, tende naturalmente a afastar-se, sem renegá-las, de suas origens. Com toda a capacidade de assimilação de emigrantes e de suas culturas — poder, êsse, que permitiu ao país manter a unidade na diversidade (o que devemos à base que aqui assentou a cultura portuguesa), não deixam de ser importantes, e às vèzes decisivas, em certos setores da paisagem cultural, as contribuições resultantes da incorporação ou integração de novos elementos culturais. Essa variedade de etnias e de culturas que se chocam, se misturam e mutuamente se influenciam, constitui, além de fonte ou fator poderoso de mudança, a força e a grandeza do país como o foram e tem sido de outros povos, ao longo da História. Grécia e Roma, por exemplo, na Antigüidade; França e Itália, da Idade Média aos tempos modernos.

Neste século — o século XX, é que o **melting-pot**, o caldeamento de povos e raças e as infiltrações dos mais diversos elementos de cultura material e não-material, a que o país se mostrou permeável, tomaram intensidade e proporções inesperadas. Do Ocidente e do Leste europeu, italianos, portugueses e espanhóis, poloneses, húngaros e turcos, entre outros povos; e da Ásia, sobretudo, sírios e japoneses, com sua gente, suas tradições e culturas, encontraram-se no Brasil, — tão re-

ceptivo e acolhedor em relação a todos êles quanto ativo, rápido e eficaz, na sua capacidade de absorção. Como antes, agora em sua fase capitalista, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, digere êle e assimila ao organismo nacional todo êsse material humano e todos êsses elementos culturais, integrando alguns dêstes no quadro de sua cultura, em uma nova configuração, e transformando em brasileiros os emigrantes que se vinculam à terra e a que se franqueiam as mesmas liberdades, os mesmos direitos civis, as mesmas oportunidades. Esta, — a universalidade, uma das constantes da cultura brasileira que se desenvolve, em todos os seus planos, sem preconceitos de religião, de origem e de classes. Liberdade de opinião e de crítica, respeito à dignidade de pessoa humana, repulsa à violência e a preconceitos, que separam homens e nações, sentimento nacional sem fanatismos, tolerância, compreensão, hospitalidade, eis o que define e marca, no presente, como algumas de suas mais amáveis características, a nossa cultura e civilização. O que é ou pode parecer tanto mais surpreendente quanto a formação cultural do país se processou dentro da configuração de uma sociedade patriarcal ou para-patriarcal, tão apeçada a preconceitos seculares. Uma contribuição, no entanto, como se vê, à criação e ao desenvolvimento de um “mundo só”, sem discriminações de qualquer espécie, a que o brasileiro, em geral, se mostra infenso, menos pelo “espírito do tempo” ou por força de uma nova civilização a difundir-se por tôda a parte, entre lutas e resistências, do que por sua própria formação (e aqui acaba a surpresa) em que se entrelaçaram as raízes de três raças e culturas e, posteriormente com elas se cruzaram, para lhe trazerem seiva nova, as de várias outras culturas.

Na verdade, somos hoje uma nação que, tendo tomado consciência de si mesma e de seus destinos, procura (se é que já não o encontrou) o caminho para se afirmar e realizar-se na plenitude de suas forças. Nenhum acontecimento, nenhuma pressão externa seria capaz (creio eu) de nos desviar dos rumos que essa consciência, as nossas possibilidades e o constante esforço para aproveitá-las já nos traçaram. Por certo que não é êsse caminho fácil de percorrer, não só devido às oscilações e conflitos, no plano internacional, como também em face das contradições internas e da diversidade de aspectos e tendências regionais. Somos uma terra de diferenças e de contrastes. E' possível, pois, que certas qualidades ou características de nossa cultura, muito claras no momento, tendam a

enfraquecer-se, em períodos críticos, quando, pelo seu próprio desenvolvimento, em extensão e em profundidade, começarmos a ver as coisas, os acontecimentos e os homens, não em bloco, de modo superficial, mas com uma percepção mais nítida de nuances, distinções e precisões. Pergunta-se se essa repulsa a preconceitos raciais e religiosos, essa tolerância que toca as raízes da indiferença, essa fidelidade às instituições democráticas, ainda tão marcadas, entre nós, resistirão por muito tempo aos choques cada vez mais ásperos de idéias e tendências, resultantes da dualidade, senão da diversidade de concepções de vida. Não sabemos se serão maiores as concordâncias do que as divergências, se não surgirão os preconceitos para cobertura ou estímulo às oposições frontais, quando formos chamados a dar, sem mais demora, com os nossos trabalhos, novas respostas a problemas antigos. Essa dúvida não provém apenas do fato de caminhar para uma fase de expansão e de refinamento, a cultura intelectual, que é um meio de perceber, analisar, distinguir e aprofundar, nem somente das transformações de estrutura econômica, social e política, no meio das quais avançamos entre as resistências do medo e os impulsos da esperança. Estamos na encruzilhada da era de transição do capitalismo para o socialismo e na da era atômica que tem de levar-nos, uma e outra, a uma mudança radical de atitudes em face dos acontecimentos internacionais e da política interna que terá forçosamente de refleti-los.

Estaremos suficientemente preparados para enfrentar situação, tão difícil e perigosa, pela sua complexidade, que se apresenta com todos os indícios de desordem e tumulto, no plano da economia e da política, da empresa pública, da cultura e da educação? Durante muito tempo, até a Primeira Guerra Mundial, a elite dirigente e as camadas intelectuais recebiam, salvo exceções, formação puramente livresca, e todos os jovens de origem burguesa não aspiravam a ser senão bacharéis, médicos e engenheiros. Sobretudo bacharéis. Nada queriam saber de ofícios, de atividades de base manual e mecânica, de trabalho na terra, que era mister de escravos e, mais tarde, de colonos. Ora, não se pode dizer que tal mentalidade se tenha alterado bastante para responder, com firmeza, aos desafios que lança, com seus tremendos problemas, a civilização atual: ela não se modificou senão lentamente e em parte, nos Estados mais industrializados do Centro-Sul e, sobretudo em São Paulo. Se a ciência e a pesquisa tendem a tomar o lugar à formação livresca, particularmente nesse Estado que atingiu al-

to grau de industrialização, essa tendência não se manifesta com o mesmo vigor em outras regiões, em que o gôsto e a atração pela retórica não se deixaram ainda vencer pelas novas correntes de pensamento. Em muitas delas ainda conserva seu prestígio antigo a palavra, como um valor em si mesma, ou, mais claramente, o verbalismo, de que se alimenta tôla uma pseudo ou sub-literatura, e cuja história no Brasil, seria talvez mais volumosa do que a história das idéias... Não é ainda para a ciência e suas atividades nem para os laboratórios, nem para a técnica e a indústria, mas para a burocracia, para as letras, as profissões liberais e para os jogos contraditórios da política, que se canalizem, em grande parte, as novas gerações, mesmo nas regiões do Centro-Sul. Dêsse tipo de formação tradicional, que nos deixava mais voltados para os livros e a erudição do que para a observação dos fatos e a reflexão sôbre êles, é que nos vieram o gôsto das generalidades, uma certa inaptidão para as especializações, a superficialidade e a tendência a “criar sem dificuldade e criticar sem medida”, que é, nas palavras de Paul Valéry, “um jôgo perigoso”. Um dos defeitos que tenho observado em nosso país (escrevia Ferreira Soares, em 1861, portanto há mais de um século) “é que todos se julgam habilitados para censurar e analisar tôdas as coiss ainda mesmo aquelas de que nenhuma idéia tem” (1). Em tôdas as camadas da atmosfera cultural, essa mentalidade, se já não domina, ainda se apresenta bastante difundida para resistir aos ventos que hoje sopram de todos os quadrantes.

E' que nas áreas de choque entre valores antigos e os novos valores, entre o apêgo, inconsciente, mas por isso mesmo, mais forte, à tradição, e as tendências renovadoras, embora predominantes, sempre flutuam resíduos e sobrevivências de uma cultura, já abalada pelas transformações da estrutura econômica e social do país. A influência de velhos elementos culturais coexiste, nesses conflitos, e às vêzes por muito tempo, com as idéias e aspirações novas que se armam e se desencadeiam na superestrutura ideológica, tanto mais modificável quanto maiores as mudanças que se operam na infra-estrutura econômica das sociedades. Entre uma e outra, como se sabe,

(1). — Sebastião Ferreira Soares, *Histórico da Companhia Industrial da Estrada de Mangaratiba*. 1861, pág. 254.

há todo um sistema de ações e reações recíprocas, em que o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, não previsto pelo marxismo, introduziu alterações substanciais. Além das mudanças do modo de produção e da luta de classes, que, de modo quase exclusivo, condicionam, na concepção de Karl Marx, as relações entre as duas estruturas, esse novo elemento interveio, para as modificar, senão para revolucioná-las. Ora, no tempo do Império e na primeira República, as elites intelectuais e políticas, oriundas de um movimento intelectual, se não separado, muito distante do movimento econômico, e que se constituíam de homens de letras e de bacharéis em direito, — alguns dos quais, grandes advogados e juristas eminentes, lutaram por darem forma jurídica às novas instituições estatais. Mas entre êles, que vinham da burguesia, e as camadas ou classes populares era enorme a distância social, e tão grande que o povo se mantinha, em geral, quase indiferente ou alheio às crises políticas e aos movimentos de cúpula, e chegava a assistir, “bestificado”, como o disse um dos propagandistas republicanos, no golpe de Estado com que se implantou a república no país. Os advogados e juristas, mais que os homens de letras, substituíam, na aristocracia rural e na burguesia urbana, os padres e os frades que tamanha influência exerceram na sociedade colonial. Daí, a resistência que se opunha, e continua, em certa medida a opor-se às novas concepções de vida, impostas por uma civilização técnica e industrial, de base científica. Ainda não são, de fato, os cientistas e técnicos, em suas especialidades respectivas, mas bacharéis em direito, os convocados para proporem soluções de problemas e traçarem planos de ação, embora já se comece a recorrer, ainda que em pequena escala, à colaboração daqueles, não só pela sobrevivência de uma mentalidade ultrapassada, como também pelo número reduzido de especialistas nos diversos campos de estudos e de atividades humanas. Na verdade, não superamos ainda o tempo em que a última palavra cabia aos bacharéis em direito e, em certa medida, a burocratas e homens de letras, que continuam a ter influência equivalente à que exerciam em épocas anteriores.

Por certo que o desenvolvimento da cultura brasileira, nestes últimos trinta anos e, portanto depois da Revolução de 1930, se vem processando numa direção diferente e sob o impulso de forças renovadoras que já não é possível conter, tanto nos domínios da literatura e das artes, quanto no campo das ciências ou do espírito crítico e experimental. O que já se

procura, nos grandes centros, não com a mesma decisão, nem com os mesmos resultados, é o espírito pragmático, que tem como medida de valor o **útil**, o **eficaz**; é o equilíbrio em que se tenta e é preciso manter o ideal, entre o desejável e o possível, entre o que deveria ser e o que é. O que já se quer, é ver as coisas como elas são e se apresentam. O sentido da realidade, nas camadas intelectuais, e mais nestas do que nas elites políticas, tende a predominar sobre as criações da fantasia, impelindo a cultura mais para o espírito objetivo, que é submissão ao objeto, e rasgando, para ela, aberturas em tôdas as direções. É a penetração lenta, atropelada de obstáculos, mas progressiva, inelutável, do espírito científico, que é um espírito revolucionário por excelência. A expansão dessa nova mentalidade nos diversos setores de estudos, e mesmo nas esferas políticas, em que hoje já se promovem pesquisas, inquéritos e planejamentos, resulta por certo do “espírito do tempo” e dos progressos das ciências no Brasil, incentivadas com a criação de Universidades e a notável contribuição que à de São Paulo, desde sua fundação, em 1934, trouxeram as missões de professores estrangeiros, — franceses, italianos e alemães. Por iniciativa do govêrno da União e de diversos Estados, fundam-se institutos, do maior alcance, como o de Geografia e Estatística e o de Estudos Pedagógicos no plano federal, e, anos depois, centros de pesquisas científicas, também no campo das ciências sociais e no da educação, nem sempre aliás, com orientação segura, com mestres e pesquisadores experimentados, e os recursos indispensáveis a instalações e equipamentos. Mas essas atividades e novas fundações, algumas sumamente importantes, como as de Reatores de pesquisa, que vieram juntar-se aos grandes institutos tradicionais, entre outros, o Instituto Oswaldo Cruz, o Agrônômico, de Campinas, o de Butantã e o Instituto Biológico de São Paulo, já denunciam o empêno de se inaugurar no país a éra científica e de se imprimir às ciências e à técnica o impulso que reclama a nova civilização. Este, um ponto que interessa de modo particular à inteligência da cultura brasileira em suas direções mais recentes, mas não tão firmes que, em certos setores das elites intelectuais, abertas a tôdas as sugestões e à liberdade de criação, não acusem constante inflexão do pensamento moderno, que é feito de rigor e de precisão, para a linguagem do “mais ou menos”, para os estilos tradicionais de vida e de pensamento.

A literatura, porém, e as artes plásticas e musicais, — parte integrante da cultura, em qualquer sociedade altamen-

te evoluída e sob não importa que regime político, parece disputarem ainda, nestes trinta anos cruciais, a primazia que lhes assegurou a tradição, sôbre o culto das ciências e o interesse pela técnica. Suas influências estendem-se pelo próprio campo científico, em alguns de cujos setores, como no das ciências humanas, são patentes as infiltrações literárias. Mas, não é sômente por fôrça da tradição que o espírito literário prepondera ao espírito e às preocupações científicas, mais recentes entre nós. A atividade editorial, que tomou extraordinário impulso; a expansão do mercado de livros; o aumento da produção literária, muito desigual, na qualidade, mas que atende a gostos e a públicos diferentes, tem contribuído para não desviar da linha tradicional o desenvolvimento da cultura brasileira. Além disso, na literatura moderna do país, já com bastante brilho e fôrça para destacar-se no plano latino-americano, é cada vez mais fecundo o esforço para dar à poesia, renovada em suas técnicas de expressão, maior riqueza de conteúdo, e para colhêr, do homem e da sociedade, uma visão mais clara, mais fina e penetrante, que corresponda à realidade humana e às diversidades dos meios em que ela opera, e que dependem necessariamente a modificá-la no processo de sua adaptação às novas condições de vida. Seguem seus caminhos, alargando-os e ramificando-os, numa extensa rêde de criações originais, as duas correntes ou tendências em que avultaram um Machado de Assis, que nos traçou o retrato da sociedade burguesa do seu tempo, e um Euclides da Cunha, que nos deu a imagem torturada da áspera realidade dos sertões. Na nova literatura não se refletem menos os contrastes entre os meios ambientes, tão diversos de uma região para outra, e as atitudes e reações do mundo literário e artístico em face dêles. No Norte, uma forte tendência para a terra, a vida, e os costumes regionais, mais realista e, por vêzes, mais lírica e dramática em sua poesia e em seus romances, e no Centro-Sul, em que floresce a literatura de ficção, uma inclinação maior para os ensaios, para os estudos brasileiros, para o nacional. Norte, Nordeste e Centro-Sul ainda se distinguem pela natureza de sua poesia, aí mais elementar e voluptuosa, aqui mais concisa e densa de pensamento. Mas, em umas e outras regiões, as correntes entre as mais modernas, da literatura, do teatro, do cinema e da televisão começam a ser representadas, nas camadas mais altas, por algumas figuras notáveis que ascendem da província ao plano nacional. Partindo dessa ou daquela região do país, já tendem a exprimir mais uma cultura “nacional” do

que as regiões de que se originaram e guardam, no entanto, certas tonalidades que lhes são particulares.

Sôbre uma estrutura cultural, de origem portuguesa, bastante extensa e sólida para resistir, sem deixar de se penetrar e beneficiar-se delas, às influências de culturas diferentes, desenvolve-se, pois, e se renova a cultura brasileira, segundo tendências e para direções mais conformes com a civilização atual. Entre a tradição marcadamente literária, senão retórica, persistente em boa parte, no mundo intelectual e político, e o espírito positivo e pragmático do homem contemporâneo, o ideal científico e técnico faz seu caminho, através de dificuldades e incompreensões, e não deixa de aumentar sua força de atração. Essas resistências e hesitações resultam de vários fatores, entre os quais a enorme população de analfabetos, os desníveis econômicos e culturais, de uma região para outra, o baixo nível médio da cultura, a separação entre as elites e as massas e o hiato que se criou, entre o país legal e o país real, gerando uma montanha de indiferença e desconfiança, que separa governados dos governantes. De um lado, as elites intelectuais que crescem quantitativa e qualitativamente, e se diversificam quanto ao número de atividades em que se ocupam, não têm ainda, para vencerem as distâncias que as separam das massas, os meios capazes de lhes ampliar o campo de influência e, portanto, de lhes favorecer uma penetração mais rápida em tôdas as camadas sociais. De outro lado, as elites políticas, desaparelhadas, em sua maior parte, de cultura geral e política, e distanciadas, por isso mesmo, da realidade em que operam, e dos problemas que lhes compete resolver ou pôr em via de solução, fazem acrobacias de imaginação demagógica e de combinações partidárias, as mais extravagantes, para alcançarem as massas populares, inquietas e desiludidas. É essa certamente, uma fase crítica de transição de uma civilização para outra, de desordem econômica, de subversão de valores, de conflitos de ideais e tendências, em que o gênio brasileiro procura libertar-se de tradições já ultrapassadas, para acertar com os caminhos que possam levá-lo a dar, como já o tem conseguido em alguns setores, uma contribuição própria, original à cultura na América. Não é essa uma perspectiva longínqua nem aspiração sem fundamentos. A seiva de que se nutre e com que se tem renovado a cultura no Brasil, é bastante rica

para estimular o reflorescimento da cultura literária e artística e imprimir vigoroso impulso ao desenvolvimento das ciências e da técnica que residem à base e constituem a força fecundante da nova civilização.

FERNANDO DE AZEVEDO

Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras da Universidade de São Paulo